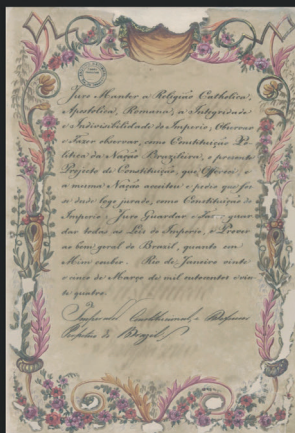


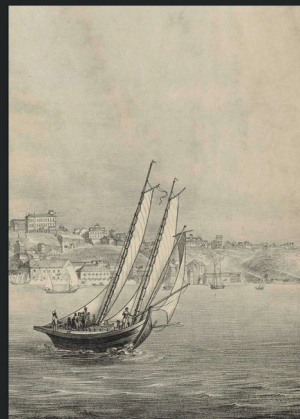
REVISTA 10

CEPIHS

Dezembro 2020



Torre de Moncorvo



Centro de Estudos e Promoção
da Investigação Histórica e Social
Trás-os-Montes e Alto Douro

**Revista
CEPIHS
10**

2020

Ficha Técnica

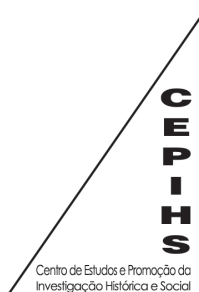
Directora	Adília Fernandes
Conselho de Redação	Adília Fernandes, Ana Rita Carqueija Rodrigues, José Ricardo, Odete Paiva, Otilia Lage
Conselho Editorial	Adília Fernandes, Albano Viseu, Ana Celeste Glória, Ana Leonor Pereira, António Pimenta de Castro, Artur Ferreira Coimbra, Diana Bessa Lage, Edson César da Silva Júnior, Eduardo Domingues, Élia Correia, Filipe Pinheiro de Campos, Hermes Marques Damasceno Neto, Joana Quelhas, João Paulo Braga, João Rui Pita, Jorge Fernandes Alves, Jorge Guerra Duarte, Manuel Correia, Maria Branco, Maria Engrácia Leandro, Maria Guilherme Semedo, Maria Ivone da Paz Soares, Maria José Moutinho Santos, Maria Otilia Pereira Lage, Mário Jorge Martinho da Costa, Odete Paiva, Teresa Martins, Wilza Betania dos Santos
Conselho Científico	Adriano Vasco Rodrigues, Fernando Machado, Fernando de Sousa, José Marques, José Viriato Capela, Maria Norberta Amorim, Norberto Cunha, Vitor Serrão
Propriedade	CEPIHS – Centro de Estudos e Promoção da Investigação Histórica e Social: Trás-os-Montes e Alto Douro
Edição	Edições Húmus
Capa	Isabel Caldeira Documento da capa – Juramento da Constituição Brasileira por D. Pedro I, 1824. Doc. do Arquivo Nacional do Brasil
Fotocomposição	Frederica Claro de Armada (Evolua Edições) Tel. 964075601 fcardada@evolua.pt
Apoio	CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar ‘Cultura, Espaço, Memória’) – Universidade do Porto
Contactos	CEPIHS Tel. 961833810 cepihs@gmail.com Edições Húmus Tel. 252301382 humus@humus.com.pt
ISSN	2182-0252
Depósito legal	322287/11
Data de edição	Dezembro de 2020
Impressão	Papelmunde – Vila Nova de Famalicão

O conteúdo dos artigos e eventuais direitos sobre as imagens utilizadas são da exclusiva responsabilidade dos seus autores, assim como a opção pelo uso, ou não, do novo acordo ortográfico.

CENTRO DE ESTUDOS E PROMOÇÃO DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL
TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

Revista
CEPIHS
10

Coordenação
Adília Fernandes



2020

EDITORIAL

Retomamos nesta publicação, como tema central, a Emigração, tratado já na *Revista CEPIHS* 7. Designamo-lo, agora, por Movimentos Migratórios, título que remete para um sentido mais abrangente, em correspondência com as opções dos autores. Estes fenómenos transformaram-se num elemento constante das sociedades, variando as causas que os originam e os processos em que decorrem. Permitem um leque alargado de abordagens que se refletem, neste número, numa perspetiva demográfica, social, económica, cultural e outras, inseridas num arco temporal que vai do século XVIII ao século XXI.

Varia constitui-se como um repositório de saberes em torno da Cultura e do Património. Personalidades com impacto na política, na literatura e na ciência, instituições, património móvel e estratégias para a sua preservação, formam os núcleos de temáticas afins. Integra, do mesmo modo, uma incursão do Feminino pelos arquivos, a análise da atuação da região transmontana na oposição e na defesa da Primeira República e uma oportuna reflexão sobre a saúde, a doença e os efeitos da sua presença nas sociedades de todos os tempos. Acolhe, ainda, uma revisão crítica e uma entrevista, inaugurando a receção de textos deste género.

Os estudos que se apresentam repetem o grande e diversificado interesse dos anteriores.

Editamos o número 10 da *Revista CEPIHS*, facto que assinalamos com muita satisfação. Graças aos autores, a quem agradecemos a sábia e generosa colaboração, o rigor na construção do conhecimento, que atravessa o percurso traçado até aqui, é consonante com o objetivo de qualidade que presidiu à sua criação. Beneficiámos da feliz conceção de Isabel

Caldeira quanto ao padrão estético e do interesse e empenho das equipas editoriais da Palimage e da Húmus, em particular, de Bruno Maurício e Frederica Claro de Armada.

Numa retrospectiva breve, lembramos a temática central escolhida. Com exceção dos números 1, 4, 5 e 8, as obras integram outros estudos. Oferecem, no seu conjunto, uma sucessão de conceituados autores e uma fecunda multidisciplinaridade.

- Número 1 (2011) – Primeira República e homenagem aos Professores Maria da Assunção Carqueja e Adriano Vasco Rodrigues.
- Número 2 (2012) – Tributo ao escritor Abílio Adriano de Campos Monteiro, natural de Torre de Moncorvo.
- Número 3 (2013) – Homenagem a Júlio Máximo de Oliveira Pimentel, Visconde de Vila Maior, nascido em Torre de Moncorvo e figura maior da cultura e da ciência do século XIX.
- Número 4 (2014) – Primeira Guerra Mundial.
- Número 5 (2015) – Património, material e imaterial.
- Número 6 (2016) – Misericórdia, como instituição de assistência a que o ano de 2016 foi consagrado.
- Número 7 (2017) – Emigração.
- Número 8 (2018) – Património, material e imaterial.
- Número 9 (2019) – Homenagem a Francisco António Correia, natural de Torre de Moncorvo, que se destacou, no início do século XX, como economista, político, diplomata e pedagogo.

A *Revista CEPIHS 10* é pretexto para uma legítima saudação a todos os intervenientes nesta bem sucedida tarefa.

Pela Direção,
Adriano Vasco Rodrigues

VARIA

1949 – UM NOBEL COMPLEXO: EGAS MONIZ

Manuel Correia*

Resumo – No dealbar da segunda década do século XXI, ensaiamos uma síntese dos aspetos que consideramos de maior interesse historiográfico em torno do Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina atribuído a um cientista português a meio do século XX. Surgiram, nos últimos tempos, inúmeras contribuições que gostaríamos de recensear e discutir. Adotámos um fôlego telegráfico ajustado a uma típica entrada de um dicionário histórico.

Palavras chave – Egas Moniz; Prémio Nobel; História das Controvérsias; Biografia.

Praticamente a meio do século XX, a notícia da atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz reveste uma singularidade enigmática. Portugal era então um país pouco desenvolvido, com muito baixas taxas de escolarização e alfabetização, um ensino superior liliputiano, investigação científica incipiente e, por cima do elitismo provinciano e do inexpressivo investimento em ciência, a perseguição e expulsão de algumas das vozes mais críticas na universidade acompanhando a consolidação do Estado Novo nos anos 40, afigurava-se improvável a criação de um ambiente cultural favorável à reflexão crítica, à investigação científica exemplar e à formação de investigadores suscetíveis de ganhar um reconhecimento internacional tão meritório¹.

Apesar do Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina ter sido descerrado a Egas Moniz, pelo valor terapêutico da Leucotomia em certas psicoses (exprimindo no início a ambição de “curar” algumas variantes da esquizofrenia), a sua invenção anterior, a da Angiografia, foi objeto de menor contradição e mais vasta aceitação, constituindo uma técnica de diagnóstico útil para examinar a rede vascular de diversos órgãos (além do cérebro, órgãos internos, e membros). Enquanto o método primi-

* Colaborador do Grupo de História e Sociologia da Ciência e da Tecnologia do CEIS20-UC (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, Universidade de Coimbra).

¹ Carlos Fiolhais, *A Ciência em Portugal*, Lisboa, FFMS, 2016.

tivo ou *standard* da Leucotomia pré-frontal, posto em prática em 1935, e descrito no seu livro *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses* (1936), era já considerado obsoleto no final da década de 1940, o método angiográfico expandiu-se, permaneceu na clínica, desde 1927 até hoje, e deu origem a um ramo de especializações integradas na *Escola Portuguesa de Angiografia*².

Depois de outras quatro nomeações anteriores (1928, 1933, 1937 e 1944) Egas Moniz ganha, em 1949, o Prémio Nobel da Fisiologia ou Medicina, *ex-aequo* com Rudolph Hess.³

² “O processo de internacionalização da leucotomia pré-frontal repete em grande medida o da angiografia, mas com uma celeridade e uma economia de meios – comparativamente – que o prestígio da angiografia, entretanto, fez catalisar. A fácil aceitação da leucotomia pré-frontal, na comunidade médico-científica internacional, ao contrário dos demais tratamentos de choque, não é de modo nenhum alheia a esse facto. António Fernando Cascais, “A cabeça entre as mãos: Egas Moniz, a Psicocirurgia e o Prémio Nobel”, in João Arriscado Nunes e Maria Eduarda Gonçalves, [orgs.], *Enteados de Galileu? A semiperiferia no sistema mundial da ciência*, Porto, Afrontamento, 2001, p. 333.

³ Walter Rudolf Hess, o neurofisiologista suíço que partilhou o prémio Nobel da Medicina ou Fisiologia, em 1949, com Egas Moniz, foi premiado pela descoberta da organização funcional do diencéfalo (*interbrain*) na coordenação da atividade dos órgãos internos. O prémio conjunto uniu-os apenas circunstancialmente. Moniz, enquanto neurologista, agora empenhado no conhecimento do papel dos lobos frontais; Hess, neurofisiologista dedicado ao mapeamento das áreas do diencéfalo associadas à regulação das funções neurovegetativas, movimentos peristálticos, regulação da temperatura, circulação e pressão sanguínea. Com raríssimas e superficiais exceções, Moniz não menciona Hess, e Hess, mesmo quando, por dever de ofício, se refere à leucotomia, omite o nome de Moniz. O divórcio começou com a ausência de Moniz da cerimónia de entrega do prémio, em Estocolmo. Moniz alegou razões de saúde para não se deslocar à Suécia (ia nos seus 75 anos, muito afetado pela gota de que sofria desde os 24 anos); recebeu o diploma, a medalha e o cheque em sua casa, em Lisboa, das mãos do embaixador sueco. Não lhes teria despertado interesse o fato de o comitê Nobel os ter premiado simultaneamente? Não teriam tido curiosidade em conhecer as investigações um do outro? Ou seria o tipo de pesquisa que cada um levava a cabo que os deixava indiferentes? Acharia Hess injusto que o seu conterrâneo Gottlieb Burckhardt fosse ignorado na génese da psicocirurgia? O certo é que o grau de reconhecimento científico que o prémio conjunto corporizou nunca se traduziu na aproximação dos dois nobelizados. Apesar de se reclamarem ambos da linhagem teórica de Pavlov; de ambos se ocuparem do estudo do sistema nervoso, e de ambos navegarem no paradigma neuronal inaugurado por Ramón y Cajal, não se conhece, nem a um nem a outro, qualquer nota de divulgação acerca do teor dos trabalhos do seu par e parceiro laureado. Cf. Manuela Esperança Pina e Manuel Correia, “Egas Moniz (1874-1955): cultura e ciência”, in *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, Vol. 19, N.º 2, 2012, p. 445.

Tendo passado pela carreira diplomática no sidonismo, Moniz, um político experiente e arguto, trouxe à atividade científica uma diversificada rede de contactos em que circularam, entre outros, objetos relacionados com a Angiografia (França, Espanha, Itália, Bélgica, Inglaterra, Brasil), e com a Leucotomia, alargando, depois, essa rede aos Estados Unidos da América e países escandinavos, com um foco particular na Suécia, incluindo, é claro, o *lobby* pró Nobel⁴.

Egas Moniz estava sintonizado com a agenda de investigação científica da clínica neurológica do seu tempo, de onde se destacavam as tentativas de visualização de órgãos e tecidos inacessíveis à observação direta. Os histologistas Cajal e Golgi ganharam o Nobel de 1906, visualizando a estrutura do neurónio; J. A. Sicard, que Moniz conheceu pessoalmente, durante o período de especialização em França, recorreu ao lipiodol para visualizar, aos raios X, tumores e outras anomalias da espinal medula; e, recorrendo também aos raios X, mas com injeção de ar nos ventrículos cerebrais, Walter Dandy, neurocirurgião norte-americano, baseava o seu diagnóstico nas deformações assim provocadas. Egas Moniz apostou na injeção de uma solução opacificante, com alguns dissabores graves pelo caminho, mas progressivamente adotada. Quando Walter Freeman, que virá a ser dos mais entusiastas difusores mundiais da lobotomia, encontra Egas Moniz em Londres, em 1935, Moniz já fora nomeado para o Nobel da Fisiologia ou Medicina por duas vezes, pela invenção da Angiografia (1928 e 1933).

Em 1937, Egas Moniz voltaria a ser nomeado para o Prémio pela Encefalografia Arterial – assim era denominada nessa fase a Angiografia – e pela Leucotomia pré-frontal. Os avaliadores do Comité Nobel voltaram a recusar a valia da Angiografia, com base numa doutrina que, desde o início, se atrelara a critérios implícitos que impossibilitariam, até ao fim, a atribuição do Prémio por esse motivo. O avaliador (Herbert Olivecrona, o mesmo que recomendará Moniz para o Prémio, em 1949) não faz

⁴ As cartas de nomeação de Egas Moniz para o Prémio vieram do Brasil (3), Portugal (5) e da Dinamarca (1). Cf. Manuel Correia, “Biografia, processo e contexto: uma revisitação de Egas Moniz”, in *Estudos do Século XX*, N.º 11, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, pp. 148-149.

referência, sequer, ao tópico da leucotomia, o que constitui outra singularidade deste processo⁵.

Com o desencadeamento da II Guerra Mundial, o intercâmbio científico quase se extinguiu, enquanto o nacionalismo exacerbado nos blocos em confronto acabou, praticamente, por inviabilizar os encontros científicos internacionais. Durante o conflito, em 1944, Walter Freeman nomeou Egas Moniz para o Prémio, com fundamento na Leucotomia pré-frontal. Só depois do fim da guerra e da aceleração da difusão da Leucotomia e da Lobotomia se acentuou a controvérsia em torno da fragilidade teórica do método e do alcance e efetividade dos resultados terapêuticos conseguidos.

Quando, no verão de 1948, se realizou em Lisboa a 1.ª Conferência Internacional de Psicocirurgia, presidida por Walter Freeman, confirmou-se, com numerosos exemplos partilhados pelos conferencistas, a falta de rigor e fundamentação insuficiente das práticas recenseadas, desde 1935⁶. Por outro lado, para contrariar abusos entretanto verificados e relatados na conferência, esboçou-se uma trincheira ética, visando moderar o exagero que se verificava no plano das indicações desta cirurgia⁷.

A 1.ª Conferência Internacional de Psicocirurgia atestava que, apesar da onda de dúvidas e crescente controvérsia, a prática se generalizara. Duas das grandes apostas da Conferência consistiam em favorecer a atribuição do Prémio Nobel a Moniz – uma moção aprovada por unanimidade e aclamação explicitou-o, no final; e o imperativo de intensificar o trabalho experimental, visando a superação das fragilidades teóricas e científicas, revelando, já, uma panóplia de novos gestos cirúrgicos, novos alvos, e interpretações que se entrecrocavam.

Foi assim que a história do Nobel de Egas Moniz, finalmente descerrado com base no valor terapêutico da Leucotomia no tratamento de cer-

⁵ *Idem, Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, pp. 115-119.

⁶ *Psychosurgery*. 1st International Conference, Lisbon, Livraria Luso-Espanhola, 1949.

⁷ O *Código de Nuremberg* data do ano anterior (1947). Estas manifestações revestem, por isso, um interesse particular de caráter proto-neuroético irrompendo, também, em tempos de paternalismo médico. Está-se longe, ainda, do que viria a ser o consentimento informado, mas algo começa a mover-se.

tas psicoses, se tornou, também, a história da doutrina com que a massa crítica do Instituto Karolinska desvalorizou a importância da Angiografia para neutralizar as sucessivas nomeações para o Prémio, enquanto nos planos laboratorial e clínico, se intensificava o seu uso e aperfeiçoava a sua aplicação. Tudo sucedia numa fase em que as vantagens da Angiografia se tinham, já, tornado evidentes na clínica neurológica e além dela, quando se confirmavam e acumulavam as anomalias, fazendo sobressair desvantagens e riscos da leucotomia e lobotomia.

No âmago desta vaga de antilobotomismo⁸ estiveram, praticamente desde o princípio, respostas fracas a questões de carácter ético (seria aceitável que, para tão elevado grau de incerteza, se recorresse a uma solução tão radical e irreversível?); de carácter teórico (que tipo de alteração anátomo-fisiológica se produzia com as lesões induzidas e como é que elas constituíam a base terapêutica do método?); e epistemológicas (como é que se determinava que as alterações, designadamente as constatadas “alterações da personalidade”, constituíam um benefício e não um colateral iatrogénico nos pacientes operados?). Dado não haver respostas satisfatórias a estas questões, os méritos científico e ético continuavam a ser postos em causa e, por essa via, o mesmo sucedia com a justeza da atribuição do Prémio Nobel a Egas Moniz.

A somar à controvérsia que veio de braço dado com o próprio Nobel de 1949, emergiu uma forma específica de contestação: a das campanhas reivindicando a retirada do prémio, designadas também como de *desnobelização*. Desse modo, o século XXI assistiu a um novo andamento na orquestração da controvérsia. Christine Johnson, em homenagem a uma sua familiar submetida à operação, construiu um memorial virtual de lobotomizados⁹ e, a partir do seu *website* dirigiu a campanha pela *desnobelização* de Egas Moniz.

Os ecos prós e contra percorreram o globo. Finalmente, o Comité Nobel deu a conhecer a sua disposição de nunca atribuir prémios a título

⁸ Ver Manuel Correia, “Antilobotomismo”, in José Eduardo Franco, Adelino Cardoso e Manuel Silvério Marques (Org), *Dicionário dos Antis. A cultura portuguesa em negativo*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2018, pp. 1170-1172.

⁹ Ver <http://www.psychosurgery.org>

póstumo nem de os retirar sob qualquer pretexto, e, à guisa de resposta, trouxe para o site do seu museu virtual um artigo de Bengt Janson¹⁰, servindo uma versão alegadamente consensual acerca do contexto histórico que permitiu a uma tal abordagem neuropsiquiátrica tão empírica ter sido agraciada com um Nobel.

Não obstante, as inexactidões do texto de Bengt Janson (que deveria ser acompanhado por uma declaração de interesses do autor)¹¹, a campanha pela desnobelização foi esmorecendo e o pioneirismo de Egas Moniz, anteriormente invocado para encarecer a invenção da leucotomia pré-frontal, na sua totalidade, passou a ser reconduzido à sua intuição genial de pai fundador da Psicocirurgia. Entretanto, a responsabilização pelos aspetos negativos acumulados, passou a pender sobre outros protagonistas e fatores: a obsolescência dos métodos primitivos de Almeida Lima (de que o próprio já se distanciara antes da atribuição do Nobel a Moniz), e a lobotomia transorbitária de Walter Freeman. Todavia, num artigo de 2016, que faz o balanço das grandes contribuições dos nobelizados no domínio das neurociências, adotado pela Fundação Nobel para figurar na página web da Assembleia Nobel no Instituto Karolinska, Egas Moniz é omitido, deixando entrever a desvalorização do seu legado por vezes igualmente autorizadas deste mesmo Instituto¹².

Impulsionada pelo Prémio Nobel, a Psicocirurgia veio a envolver-se com tudo o que emergia e agitava o século XX, entrosando-se no espírito do tempo. Alargou o âmbito da experimentação com humanos¹³; recorreu à psicanálise, à falta de melhores explicações para mapear a

¹⁰ Ver Bengt Janson, “Controversial Psychosurgery Resulted in a Nobel Prize”. [https://www.nobelprize.org/prizes/medicine/1949/moniz/article/\[28/02/2019\]](https://www.nobelprize.org/prizes/medicine/1949/moniz/article/[28/02/2019])

¹¹ Bengt Janson foi professor de Psiquiatria no Instituto Karolinska a partir de 1976 e membro da Assembleia Médica da Fundação Nobel, de 1976 a 1997.

¹² Gunar Grant, “The Nobel Prizes in the field of neuroscience – from Camillo Golgi and Ramón y Cajal to John O’Keefe and May-Britt Moser and Edvard I Moser”. [https://www.nobelprizemedicine.org/selecting-laureates/history/the-nobel-prizes-in-the-field-of-neuroscience/\[15/03/2019\]](https://www.nobelprizemedicine.org/selecting-laureates/history/the-nobel-prizes-in-the-field-of-neuroscience/[15/03/2019])

¹³ O salto translacional para os humanos, que Moniz e outros tentaram justificar com argumentação redundante, não se deveu a constrangimentos incontornáveis, mas a opções deliberadas. Ao derrubar, de novo, a fronteira ética que dificultava as experiências em humanos vivos, os casos de abuso revelaram-se, quer com as tentativas de curar a homossexualidade, quer as adições e os défices de atenção.

psique humana, representando-a como um diagrama vivo¹⁴; foi vitimada pela guerra fria, com o decreto de Staline, que interditou a prática da Psicocirurgia na então União Soviética¹⁵, e, ainda, pelas ressonâncias de caráter religioso nas referências indiretas do Papa¹⁶.

O enigma periférico (de um prêmio inesperado, de um país de baixo potencial científico) empurrou Moniz e alguns dos seus biógrafos ao encontro de uma explicação baseada nas qualidades geniais do cientista, prosseguindo no trilho das narrativas dos Grandes Homens, trazidas pelas historiografias mitificadoras que agigantavam os atores históricos, tornando-os personagens excepcionais.

Ao analisar todo o processo de nobelização, incluindo as nomeações e os relatórios mantidos secretos até 1999, por imposição regulamentar da Fundação Nobel, confirma-se que são as convergências e divergências das estratégias pessoais e institucionais, individuais e coletivas, políticas, sociais, culturais e científicas que continuam a constituir a perspectiva mais elucidativa do reconhecimento e da celebração.

O que, eventualmente, motiva o árduo e complicado trabalho de *lobby* e a valorização do mérito dos candidatos ao Prémio Nobel justifica,

¹⁴ Apesar de Egas Moniz não ter escrito a esse respeito, convém lembrar que foi ele o rector universitário da Psicanálise em Portugal. Para uma descrição mais circunstanciada de como a psicanálise veio preencher o vazio teórico da psicocirurgia nos Estados Unidos, ver Mical Raz, “Between the Ego and the Icepick: Psychosurgery, Psychoanalysis, and Psychiatric discourse”, in *Bulletin of the History of Medicine*, Vol. 82, N.º 2, pp. 387-420.

¹⁵ Apesar da prática da Psicocirurgia na Rússia progredir, paulatinamente, até ao momento em que o Prémio Nobel foi atribuído a Egas Moniz, incluindo um padrão semelhante para a controvérsia desencadeada, com linhas de argumentação semelhantes, o tipo de envolvimento ideológico do Estado foi mais intrusivo e impositivo. Ver *Order of the Ministry of Health of the USSR N.º 1003*, December 9, 1950, citado por B. L. Litchterman, “On the history of Psychosurgery in Russia”, in *Acta Neurochir* (Wien) 125, 1993, pp. 1-4.1

¹⁶ Perante a sensibilidade alarmada de alguns setores católicos, as palavras de Pio XII permitem que delas se extraia elementos que confortam as diferentes correntes em presença: Egas Moniz, radiante, constata que o Papa não se refere, explicitamente, à Psicocirurgia, revelando que não se inquieta tanto como outros católicos hipersensíveis; Walter Freeman sublinha o recurso que o Santo Padre fez ao Princípio da Totalidade e, com isso, enriquece a sua teoria da lobotomia; e os que se batem contra a lobotomia, ou nela vêm mais mal que bem, apontam os alertas do Papa para as intervenções mais radicais que arriscam a descaracterização ou robotização dos pacientes. Cf. *Discours et Messages – radio de S.S. Pie XII*, XIV, Quatorzième année de Pontificat, 2 mars 1952 - 1er mars 1953, pp. 319-330; *Typographie Polyglotte Vaticane. A.A.S.*, Vol. XXXXIV, N.ºs 14-15, 1952, pp. 779-789.

plenamente, o investimento que representa. A mecânica das nomeações está longe de ser transparente; no mundo da investigação científica, a diplomacia é tão perversa como qualquer outra diplomacia. No entanto, indivíduos e instituições debatem-se para conseguir enriquecer as suas biografias, as suas histórias universitárias e nacionais como mais um palmarés que demonstra, à saciedade, que o plano simbólico e o material não estão divorciados na prática. Para além do diploma, da medalha de ouro e do monte de coroas suecas, o prestígio e o engrandecimento acirram a concorrência entre indivíduos, universidades, centros de investigação, academias e nações.

No caso do Prémio Nobel de Egas Moniz, projeto claramente abraçado pela Academia de Ciências de Lisboa, e pelo eixo Brasil-Portugal, as pressões de campanha feitas, direta e indiretamente, sobre a Fundação Nobel, conseguem fazer-nos sorrir, hoje, pelo exagero e inadequação. A verdade, é que foram eficazes e coroadas de sucesso. Não apenas a controvérsia desencadeada nos tem, desde então, oferecido a oportunidade de discutir a ciência, a neuroética, a política e a filosofia que produziram o travejamento histórico deste Prémio Nobel; não somente o pretexto para construir mais conhecimento através da ignorância que nos assalta, quando tentamos abordar objetos de alta complexidade, mas, também, a vantagem, para a Universidade de Lisboa, onde Egas Moniz foi professor, por beneficiar de um escalão mais favorável nos *rankings* internacionais, ao poder contar com o Nobel de Egas Moniz como trunfo no cálculo das variáveis consideradas¹⁷.

Embaraços e vantagens. É sempre cedo para escrever algo definitivo sobre seja o que for.

¹⁷ No relatório de 2017, a Universidade de Lisboa figurava no intervalo 151-200, à frente das universidades portuguesas...

Bibliografia

Manuscrita

Correspondência entre Egas Moniz, Walter Freeman e outros, Casa Museu Egas Moniz, 1940-1950, Avança.

Processos de nomeação de Egas Moniz (1928, 1933, 1937, 1944 e 1949), Arquivos da Fundação Nobel: Instituto Carolino, Estocolmo.

Moniz, Egas, “Os meus oitenta anos”, in *Diário Manuscrito*, Espólio de Joaquim Seabra Dinis, 1954.

Moniz, Egas, “Apontamentos sobre o Prémio Nobel”, in *Diário Manuscrito*, Espólio de Joaquim Seabra Dinis, 1954.

Impressa

Correia, Manuel, *Egas Moniz no seu labirinto*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

Correia, Manuel, *Egas Moniz e o Prémio Nobel*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

Pereira, Ana Leonor e Pita, João Rui (Coord.), *Egas Moniz em livre exame*, Coimbra, Minerva, 2000.

Fernandes, Henrique Barahona, *Egas Moniz: pioneiro dos descobrimentos médicos*, Lisboa, ICLP, 1983.

Antunes, João Lobo, *Egas Moniz: uma biografia*, Lisboa, Gradiva, 2010.

Correia, Manuel; Marinho, Gabriela S. M. C., “A 1.ª Conferência Internacional de Psicocirurgia e a influência dos cientistas brasileiros na atribuição do Prémio Nobel a

Egas Moniz”, in Mota, André e Marinho, Maria Gabriela S. M. C. (Org.) *História da Psiquiatria: Ciência, Práticas e Tecnologias de uma especialidade médica*, São Paulo, Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz, 2012, pp. 11-28.

Freeman, Walter and Watts, James, *Psychosurgery. Intelligence, Emotion and Social Behavior Following Prefrontal Lobotomy for Mental Disorders*, Springfield, Charles C. Thomas Publisher, 1942.

Kotowicz, Zbigniew, *Psychosurgery. The birth of a new scientific paradigm. Egas Moniz and the present day*, Lisboa, Centre of Philosophy of Sciences, 2012.

Kotowicz, Zbigniew, “Gottlieb Burckhardt and Egas Moniz – Two beginnings of Psychosurgery”, in *Gesnerus*, Vol. 62, 1-2, 2005, pp. 77-101.

Missa, Jean-Noël, *Naissance de la Psychiatrie Biologique*, Paris, PUF, 2006.

Moniz, Egas, *Confidências de um investigador científico*, Lisboa, Edições Ática, 1949.

Moniz, Egas, *Tentatives opératoires dans le traitement de certaines psychoses*, Paris, Masson, 1936.

Pressman, Jack, *Last resort: Psychosurgery and the limits of medicine*, New York, Cambridge University Press, 1998.

Psychosurgery. 1st International Conference, Lisbon, Livraria Luso-Espanhola, 1949.

Digital

Gross, Dominik; Schäfer, Gereon, “Egas Moniz (1874-1955) and the “invention” of modern psychosurgery: a historical and ethical reanalysis under special consideration of Portuguese original sources”, in *Neurosurgical Focus*, 30, 2, 2011 E8. <http://thejns.org/toc/foc/30/2> (19-09-2014)

Correia, Manuel, *Rotas Transatlânticas da Psicocirurgia a Petexto da leucotomia – contribuições decisivas de Egas Moniz, Walter Freeman e Pacheco e Silva para a acreditação de um Programa de investigação*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308696820_Rotas_tRansatlanticas_da_PsicociRuRgia_a_PRetexto_da_leucotomia_contRibuicoes_decisivas_de_egas_moniz_WalteR_FReeman_e_Pacheco_e_silva_PaRa_a_acReditacao_de_um_PRogRama_de_investigacao (Mar 31 2019)

Índice

- 7 Editorial
- MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS**
- 13 ALBANO VISEU
Emigração e mudanças no distrito de Bragança (1950-1970)
- 35 EDSON CÉSAR DA SILVA JÚNIOR
“Com a imigração temos tudo a ganhar e nada a perder”
Discursos e práticas das políticas imigrantistas do Pará
(1850-1870)
- 55 FILIPE PINHEIRO DE CAMPOS
Casar no Rio de Janeiro – O caso dos portugueses
na paróquia da Candelária (1807-1821)
- 113 HERMES MARQUES DAMASCENO NETO
Os confederados na Amazônia brasileira
- 131 JOANA QUELHAS
Partem Modas voltam Modinhas:
transatlantismo e A Viola de Lereño
- 143 MARIA JOSÉ MOUTINHO SANTOS E JORGE FERNANDES ALVES
Emigração, micro-história e redes. Trajetórias familiares
de Abragão (Penafiel) para o Rio de Janeiro.
Os Mello e Souza (século XIX)
- 203 MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE E DIANA BESSA LAGE
A emigração portuguesa para França
Continuidade e mudanças no século XXI

- 237 MÁRIO JORGE MARTINHO DA COSTA
A emigração no distrito de Coimbra através dos registos
de passaportes (1835-1918) – uma perspetiva global
- 259 WILZA BETANIA DOS SANTOS
Camões – “o legítimo orgulho d’uma nacionalidade”
para o emigrante português (Brasil, 1880)
- VARIA**
- 275 ANA CELESTE GLÓRIA
A Casa das Obras em Manteigas (1775-1779)
Novos dados para o seu conhecimento
- 309 ANTÓNIO PIMENTA DE CASTRO
Coronel Gonçalo Pereira Pimenta de Castro
Governador de Timor e herói das Campanhas de África
- 321 ARTUR FERREIRA COIMBRA
Trás-os-Montes na oposição e na defesa da Primeira
República: das incursões à Monarquia do Norte (1911-1919)
- 353 EDUARDO DOMINGUES
Dom Vasco Marinho – entre dois mundos
Notas para uma biografia
- 389 ÉLIA CORREIA
Arquivo Distrital de Bragança
Guardião da memória e dos direitos dos cidadãos
- 407 JOÃO PAULO BRAGA
“Oitavo casamento” ou “Padre João de Pençalves”, ou...
“Camilo Castelo Branco”

- 423 JORGE GUERRA DUARTE
Freixo de Espada à Cinta
A instituição de uma capela desaparecida
- 435 MANUEL CORREIA
1949 – Um Nobel complexo: Egas Moniz
- 445 MANUEL CORREIA
O que a história não deixa passar...
- 451 MARIA ENGRÁCIA LEANDRO
Repensar a doença e a saúde
- 479 MARIA GUILHERME SEMEDO, ANA LEONOR PEREIRA E
JOÃO RUI PITA
Thomé Rodrigues Sobral (1759-1829) e a análise
química das quinas
- 499 MARIA IVONE DA PAZ SOARES
O Feminino nos arquivos: sendas de sombra
- 521 TERESA MARTINS E MARIA BRANCO
Os Incunábulo do Fundo Antigo da Ex-Biblioteca Central
da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra,
atual Biblioteca das Ciências da Saúde da Universidade de
Coimbra – Iconografia, Curiosidades Bibliográficas
e Ações de Conservação e Restauro
- Santa Casa da Misericórdia de Torre de Moncorvo**
Arquivo Histórico
- 543 ADÍLIA FERNANDES E ODETE PAIVA
Livro antigo – Século XVIII
Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de
Torre de Moncorvo

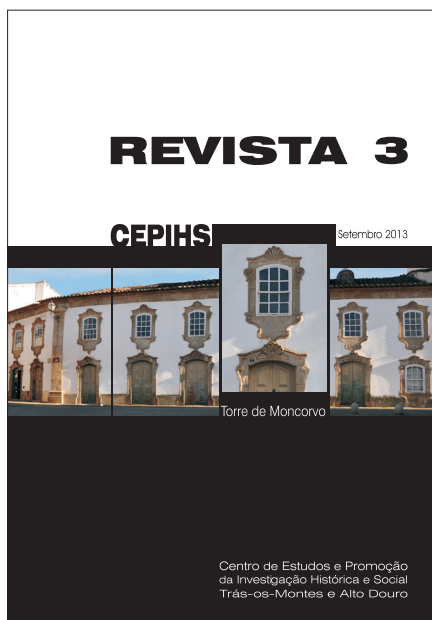
PUBLICAÇÕES



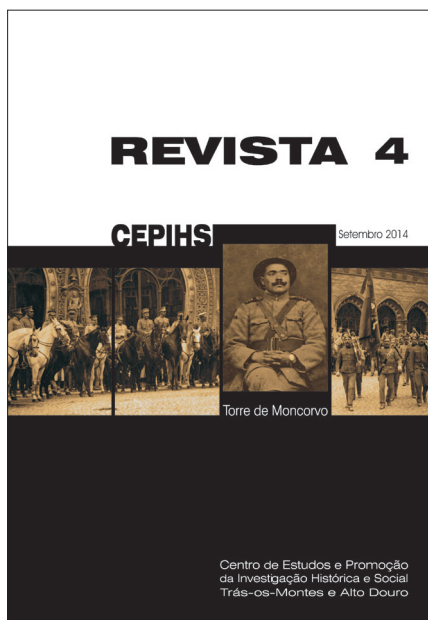
Número 1 – Homenagem a Maria da Assunção Carqueja e Adriano Vasco Rodrigues
Temática: I República (1910-1926)



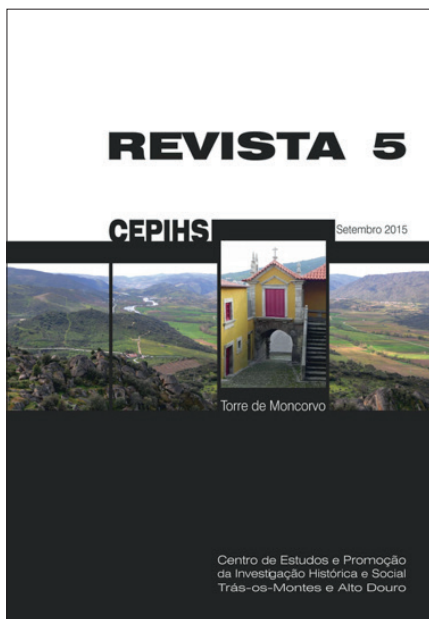
Número 2 – Homenagem a Abílio Adriano de Campos Monteiro
Estudos vários



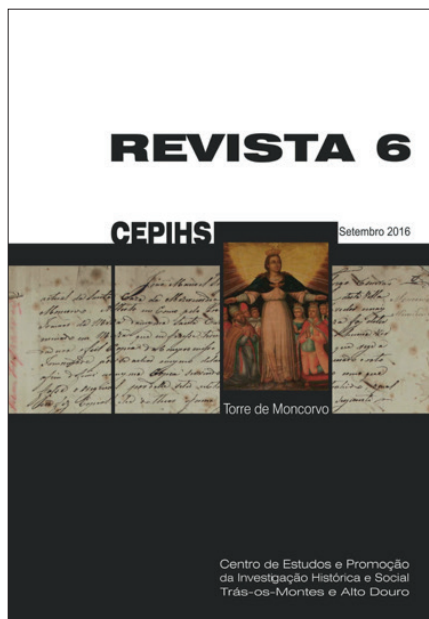
Número 3 – Homenagem ao Visconde de Vila Maior
Estudos vários



Número 4 – Temática: Grande Guerra (1914-1918)



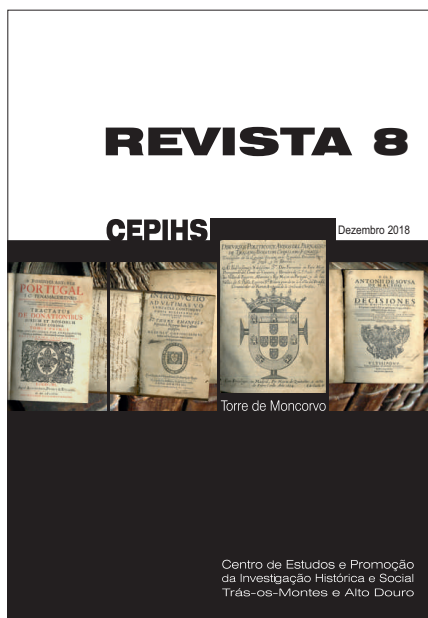
Número 5 – Temática: Património



Número 6 – Temática: Misericórdia



Número 7 – Temática: Emigração



Número 8 – Temática: Património



Número 9 – Temática: Francisco António
Correia
Estudos vários

ISSN 2182-0252



9 772182 025003

AUTORES

Adília Fernandes
Albano Viseu
Ana Celeste Glória
Ana Leonor Pereira
António Pimenta de Castro
Artur Ferreira Coimbra
Diana Bessa Lage
Edson César da Silva Júnior
Eduardo Domingues
Élia Correia
Filipe Pinheiro de Campos
Hermes Marques Damasceno Neto
Joana Quelhas
João Paulo Braga
João Rui Pita
Jorge Fernandes Alves
Jorge Guerra Duarte
Manuel Correia
Maria Branco
Maria Engrácia Leandro
Maria Guilherme Semedo
Maria Ivone da Paz Soares
Maria Otilia Pereira Lage
Mário Jorge Martinho da Costa
Odete Paiva
Teresa Martins
Wilza Betania dos Santos